

ESPORTE E NACIONALISMO EM VITÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO JORNAL “A TRIBUNA” (1939-1945)

Thacia Ramos Varnier

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Ivan Marcelo Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Felipe Quintão de Almeida

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Resumo

Este artigo discute a relação entre Esporte e Nacionalismo, investigando a importância atribuída às práticas esportivas decorrentes desse vínculo. A pesquisa foi realizada por meio da análise de publicações dos anos de 1939 a 1945 do jornal “A Tribuna”, publicação diária da cidade de Vitória, capital do Estado brasileiro do Espírito Santo. Além de o esporte se configurar como uma escola de cultura física, constituiu-se, também, em uma escola de formação cívica da juventude, materializando os desejos do governo para a construção da Nação Brasileira.

Palavras-chave: Esporte. Nacionalismo. Guerra.

Introdução

Apesar de a literatura registrar investigações que tratam da relação entre o Esporte e a Nação no início do século XX (MACEDO, 2008; DRUMOND, 2008; NEGREIROS, 1998; FRANZINI, 2003), pouco sabemos sobre a materialização desse laço em Vitória, capital do Espírito Santo. Este artigo visa cobrir, parcialmente, essa lacuna, ao estudar esse fenômeno nas páginas do jornal “A Tribuna”, publicação diária fundada em 22 de Setembro de 1938 (e ainda hoje em circulação no Estado do Espírito Santo).

A opção por trabalhar com esse tipo de fonte se baseia no fato de os jornais diários serem responsáveis por registrar os principais acontecimentos da cidade, já que eles têm “[...] a capacidade de coletar, registrar e distribuir informação em tantos níveis diferentes, desde as atividades diárias das cidades pequenas aos eventos nacionais e internacionais” (DIZARD, 2000,

p. 239). Conforme Luca (2010, p. 120), as transformações pelas quais passaram várias cidades brasileiras, nas décadas iniciais do século XX, foram também perscrutadas por intermédio da imprensa, “[...] por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro”. Além disso, os jornais são uma fonte largamente reconhecida e pesquisada no âmbito dos estudos historiográficos do esporte (HOLLANDA; MELO, 2012). Segundo Melo (2012, p. 24), eles funcionaram como mediadores entre as agremiações e o público mais amplo, atuando tanto como “[...] agências educadoras, no que se refere às peculiaridades da nova prática que se estruturava na cidade, quanto como caixa de ressonância das posições dos aficionados”. Nesse sentido, esporte e imprensa se beneficiaram mutuamente.

Sobre a periodização da pesquisa, damos visibilidade, neste artigo, às reportagens publicadas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois, neste período, exacerbou-se o vínculo do esporte com a Nação e, claro, o próprio discurso de caráter nacionalista recrudesce. São escassas as análises que tenham enfatizado a construção do discurso nacionalista, por meio do esporte, durante a vigência da Segunda Guerra Mundial. É desconhecida, além disso, a história do esporte, em Vitória, nestes anos. Não sabemos, por exemplo, que reações produziu, no campo esportivo da capital, a entrada do país na guerra.

Em relação ao conteúdo analisado, debruçamo-nos sobre as matérias diretamente relacionadas com o esporte, todas elas reunidas na página intitulada “Todos os Esportes”. É aí onde são relatados os principais acontecimentos esportivos da capital e do interior do Estado. A página estava organizada em colunas, sendo a principal delas “Comentário Esportivo”. Diante do material coletado, utilizamos, para a interpretação, a abordagem da análise de conteúdo de Bardin (1977).

O artigo está organizado em dois tópicos (nos quais se procura dar visibilidade ao objetivo anunciado), seguidos das considerações finais.

O ideário nacionalista no esporte capixaba: “A Tribuna” em perspectiva:

O Brasil tudo espera da juventude enquadrada perfeitamente nas aspirações do Estado Novo. Guardando as aspirações do passado, continuando a ordem e o progresso atual, é para a grandeza do futuro que volta as suas vistas, as novas gerações terão papel decisivo a desempenhar, pois o muito que já somos é ainda bem pouco diante do que poderemos ser com as nossas imensas possibilidades (A TRIBUNA, 6 set. 1942, s/p).¹

¹ Trecho do discurso de Getúlio Vargas. As passagens do jornal foram transcritas de modo a respeitar a originalidade da escrita.

De acordo com Negreiros (1998), na transição dos anos 1920 para os 1930, nacionalismo e autoritarismo constituíam-se em eixos fundamentais da prática política e da obra de vários intelectuais brasileiros. Para eles, a República, até então, não havia sido capaz de forjar uma “verdadeira” Nação, já que, entre outros motivos, os particularismos regionais ainda eram dominantes. Assim, para os setores que exerciam o domínio político no país, uma tarefa urgente se impunha: construir a Nação Brasileira.

Com a instauração do Estado Novo (1937-1945), esse objetivo foi alçado à prioridade. Nesse contexto, o esporte se apresentou como um dos pilares necessários à construção de um sentimento de identidade nacional. Foi por meio desse potencial, desencadeado, sobretudo, pelo futebol (FRANZINI, 2003; NEGREIROS, 1998), que categorias até então bastante abstratas, como a noção de Povo ou Nação, foram experimentadas como visíveis, concretas e determinadas. Essa é uma tese bastante recorrente e conhecida no âmbito dos estudos historiográficos do esporte. Vários pesquisadores (FRANZINI, 2003; NEGREIROS, 1998, 2003; DRUMOND, 2008; GOELLNER 2008; MACEDO, 2008) sobre ela já se debruçaram. Gostaríamos de interpretá-la recorrendo ao sociólogo Zygmunt Bauman, para, na sequência, verificar como o discurso nacionalista, e sua divulgação por meio do esporte, materializou-se na capital do Espírito Santo.

A compreensão dos vínculos entre nacionalismo e esporte, a partir da interpretação de Bauman, pressupõe uma compreensão de sua leitura e crítica da modernidade. Em inúmeros livros, o autor tem defendido a tese de que a modernidade correspondeu a um tipo de organização social que fez da “ordem como tarefa” sua forma precípua de operação. Foi, portanto, na luta contra a ambivalência, a desordem ou o caos que a modernidade se constituiu. Em suas palavras, a ordem, “[...] concebida como um projeto, determina o que é um instrumento, o que é matéria-prima, o que é inútil, o que é irrelevante, o que é perigoso, o que é uma erva daninha e o que é uma praga. Classifica todos os elementos do universo pela relação que têm com ela” (BAUMAN, 1998, p. 115).

Bauman (2001), desde a publicação de “Modernidade Líquida”, tem adjetivado essa modernidade de “sólida”. A modernidade sólida, obcecada pela ordem, promovia o derretimento dos sólidos (por exemplo, das tradições, dos laços comunitários, religiosos, etc.) na perspectiva de instalar uma nova ordem (um novo sólido!), mais duradoura, confiável e verdadeira, em seu lugar. Nesse contexto, o esforço de ordem pretendia limpar a área “[...] para novos e aperfeiçoados sólidos; para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável” (BAUMAN, 2001, p. 9).

Os laços da ordem como tarefa e a modernidade sólida ficam mais evidentes quando observamos a análise que o autor faz do Estado nacional. Segundo sua interpretação, a Nação era a outra face do Estado e a arma principal em sua luta pela soberania sobre o território e sua população. Nesse contexto, o nacionalismo

foi uma “religião da amizade” e o Estado nacional uma igreja que “força o rebanho” a praticar o culto. O nacionalismo “[...] foi um programa de engenharia social e o Estado nacional deveria ser sua fábrica” (BAUMAN, 1999, p. 74).

Em relação ao casamento do Estado com a Nação, Bauman explicou seu funcionamento recorrendo à metáfora da jardinagem. O Estado-Nação moderno funcionaria à imagem e semelhança de um jardineiro, daí cunhar a expressão “Estado jardineiro” (BAUMAN, 1998, 1999, 2010) para caracterizá-lo. Em todo projeto de jardim, diz ele, o jardineiro tem uma prévia visão do que pretende construir. Nesse programa, nem todas as plantas ou “culturas silvestres” são desejadas, de modo que precisam ser eliminadas. Em outras palavras, há ervas daninhas que precisam dar lugar a plantas previamente selecionadas e que, doravante, serão cuidadosamente regadas, assistidas e adubadas. O trabalho do jardineiro, portanto, pressupõe os atos de incluir/excluir, cortar/regar, limitar/expandir. Cabe ao jardineiro, assim, fazer viver ou providenciar a morte de algumas “culturas silvestres”.

Considerando, então, essa interpretação do Estado-Nação a partir da metáfora da jardinagem, como situar o discurso nacionalista por meio do esporte?

Regularização, normatização e planejamento racional são elementos que se coadunam com a busca da ordem como tarefa. Por isso, como veremos, o Estado jardineiro, também no Brasil, foi divulgador e patrocinador de um sentido (legítimo, verdadeiro) para as práticas corporais ou exercícios físicos, como no caso do esporte. Em Vitória, seguindo uma tendência nacional, o estreitamento do vínculo entre esporte, Nação e “estratégias de jardinagem” teve um grande impulso no Estado Novo. O potencial (político) do esporte na tarefa de reinvenção da identidade nacional (e a consequente construção de uma “cultura de jardim”, devidamente planejada) foi um dos principais argumentos arrolados para justificar os interesses do Estado nessa área (GOELLNER, 2008). Essa justificativa, acompanhada da necessidade de se aperfeiçoar a raça brasileira (um novo jardim merece novas espécies de plantas, regeneradas, cultivadas), esteve muito presente nas reportagens de “A Tribuna”. Uma síntese desses ideais pode ser conferida na matéria a seguir, em que o colunista Jair Etienne Dessaune relata a contribuição dos clubes náuticos para o engrandecimento do país e para a melhoria da raça:

[...] Para que servem os clubes nauticos? Para a formação de atletas nauticos. Para a formação de homens que nadem e remem bem, aperfeiçoando o físico e a raça. Para a perfeição da raça brasileira? Para a grandeza do Brasil. E qual será o supremo fim que colima o chefe de Estado, o Presidente do Brasil, senão a grandesa nacional? Ora, si assim é, não podemos duvidar tambem que dentre desses principios salutarees se enquadra a necessidade de se formar uma mentalidade superior, e nunca uma mentalidade inferior, mercenaria venal, na qual possa ter confiança. Fazer esporte por interesse, não é para todos. É para meia duzia. E esporte para meia duzia, não interessa a Nação,

porque o esporte é pela Patria. Se o esporte é pela Patria, precisamos fazer esporte criando no espirito moço, o despreendimento, a coragem, o civismo, o entusiasmo sadio que conduz o homem á luta pelo seu clube, na conquista ideal, e nunca na conquista da remuneração, porque remuneração atinge, e o ideal é sagrado e inatingível. Os homens que se educarem dentro do principio do devotamento de seus clubes, aqueles que fizerem esportes nauticos pela beleza justa, pela grandeza de suas côres sociais, serão aqueles mesmos homens que no momento periclitante da nacionalidade, saberão, com maior despreendimento, com maior coragem, com maior civismo, empunhar o ideal sagrado da Patria, e conduzi-lo á Gloria, porque eles já se acostumaram a ser despreendidos, já souberam ser heróis de justas desportivas, e serão mais facilmente heróis das lutas pela Patria, porque arrebatados de maior ardor, de mais coragem, de maior devotamento. É porque compreendeu bem o valor da formação espiritual da mocidade dentro dos clubes nauticos [...]. Procuremos, pois, formar uma mentalidade esportiva superior, para a grandesa de nosso grande Brasil (O ESPORTE E O GOVERNO, 2 ago. 1941, s/p).

Como é possível perceber na citação acima, não bastava a intervenção no físico com vistas à melhoria da raça; era preciso “energizar o caráter” (LINHALES, 2009), operando, assim, na “mentalidade”, no “espírito”, quer dizer, na formação de uma nova moralidade, mais afinada à “causa” nacional. Essa é, também, a mensagem da reportagem do dia 23 de Outubro de 1941, em que se comenta a viagem do selecionado de futebol capixaba para disputar, contra o time do Bahia, uma partida pelo campeonato brasileiro de seleções. Assim, mesmo em uma “simples” partida de futebol, o argumento que vincula a prática do esporte à grandeza nacional está presente:

Depois de grandes sacrificios, quér da parte dos dirigentes e dirigidos, a embaixada futebolistica segue com espirito voltado para a sua terra natal, disposta a tudo empregar em defeza das suas já gloriosas côres. Tudo foi empregado, esforços inauditos foram despendidos, despezas vultuosas foram feitas, visando unicamente, o maior incremento das relações esportivas entre todos os brasileiros, no afan de auxiliar, patrioticamente, os desejos do nosso grande Presidente Getúlio Vargas. O Chefe da Nação, com o alto espirito nacionalista e com a visão indiscutível de que é possuído, vê que o esporte é um dos grandes meios de congraçamento entre todos os que tiveram a ventura de nascer em terras deste País bendito. Portanto, todas as energias que foram dispensadas em prol desse movimento indestrutivel, são

verdadeiramente minúsculos tomando-se em conta o tamanho grandioso dessa obra [...]. Dediquem todas as energias e, podem estar convictos, de que o Espírito Santo os receberá de volta, vencedores ou vencidos, de braços abertos, pois, souberam cumprir o dever que lhes foi imposto (COMENTÁRIO ESPORTIVO, 23 out. 1941, s/p).

O Estado jardineiro de Getúlio Vargas não poupou esforços para colocar em “ordem” o esporte no país. Na matéria do dia 29 de Abril de 1941, o clamor em favor do caráter patriótico do esporte foi destaque devido à publicação do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de Abril de 1941, que estabelecia as bases de organização do desporto no país. Segundo a reportagem, a regulamentação do esporte teria vindo em boa hora, sobretudo porque

[...] o ambiente esportivo no Brasil estava se tornando uma escola de desagregação social e dissolução moral, ante as constantes intrigas e soezes, do que um templo de ‘desenvolvimento corporal, de aquisição de hábitos higienicos, de formação do caráter e de adaptação social’. Quando o desporto – como bem acentuou o dr. Luiz Aranha – ‘deve ser não só uma escola de cultura física mas, sobretudo, uma escola de civismo. Desde meninos os atletas devem aprender a defender com orgulho e ardôr as côres de sua bandeira e esse sentimento vai se aprimorando até que aprendam a emprega-los na defesa da sua propria Patria, quer colaborando pelo trabalho, quer empregando-se na defesa de sua Patria nas horas tragicas de lutas’ [...]. O esporte brasileiro, agora, pôde-se dizer, corresponderá aos desejos de nacionalidade e tudo se operará em torno deste ideal: uma verdadeira formação do caráter da juventude a par de uma educação completa – física, moral e cívica (COMENTÁRIO ESPORTIVO, 29 abr. 1941, s/p.)

Esses “desejos da nacionalidade”, proporcionados pela prática dos esportes, justificavam os investimentos que o Governo Federal empregava no desenvolvimento do esporte em Vitória. Para expressar essa tônica, reproduzimos uma passagem na qual se noticia o auxílio que o Presidente Vargas concedeu ao Clube de Regatas Náutico Brasil:

O Sr. Presidente da Republica deferiu ontem um requerimento do clube Nautico do Espirito Santo, que solicita auxilio do Governo. [...] O Nautico Brasil havia alcançado suas pretensões junto aos poderes publicos federais. O senhor Getúlio Vargas, o chefe que tanto estimamos, não se negara a prestar o auxilio so-

licitado pelo veterano clube capichaba. Mais uma prova de como o insigne idealizador, do Grande Estado Nacional encara com interesse o problema dos esportes no Brasil, partilhando benefícios às instituições que verdadeiramente merecem o amparo dos poderes públicos [...]. Resta, agora, que o Nautico saiba retribuir á notável contribuição com que acaba de ser agraciado. O novo barco, por certo, servirá de incentivo para que se multipliquem em esforços os componentes da falange rubro-negra. Trabalhar por um clube que produz grandes atletas - é trabalhar pela Patria; pois o Brasil, - hoje, mais do que nunca, - está necessitando de homens fortes (TODOS OS ESPORTES, 13 jan. 1943, s/p).

Em reportagem publicada no dia 3 de Junho de 1942, “A Tribuna” destaca a homenagem que todos os clubes de remo do Rio de Janeiro prestaram ao Presidente Vargas, concedendo-lhe o título de “comodoro de honra” como retribuição pelo aforamento dos terrenos de marinha, liberando os clubes das taxas “[...] de foro e de ocupação e, ainda, com direito á indenização e á substituição dos terrenos que ocupam na hipótese de precisar o Governo aproveitá-los” (A TRIBUNA, 3 jun. 1942, s/p). A matéria inicia seu argumento justificando esse decreto ao conjunto de medidas tomadas pelo chefe da Nação, com vistas a cuidar, defender e melhorar as condições de eugenia do povo, “[...] de modo a assegurar a todos os brasileiros um aspecto robusto, garantidor de uma capacidade de produção do mais alto valor econômico” (A TRIBUNA, 3 jun.1942, s/p.).

O corpo, nesse contexto, é funcional, máquina, objeto do domínio da natureza, que pode ser aperfeiçoado, melhorado, fortalecido em sua robustez, em sua capacidade física. O corpo visado é o corpo produtivo, eficiente, disciplinado e moldado para o trabalho. Atuar sobre o corpo produtivo pressupunha, também, influenciar a vontade, o vigor, combater a preguiça e outros comportamentos indesejáveis socialmente. A moral predominante, nessa direção, foi a ascética, portanto, uma moral coerente com a ética do trabalho, típica da modernidade sólida. As ervas daninhas a serem eliminadas ou transformadas em “culturas de jardim” (BAUMAN, 2010) eram representadas, por exemplo, por aqueles indivíduos indispostos a viver sob a tutela do Estado ou, então, inaptos para o trabalho e sua vida ascética (incapazes, assim, de “uma capacidade de produção do mais alto valor econômico”).

No lugar do “Jeca Tatu”, preguiçoso e doente,² o “jardim” projetado precisava de homens fortes para fazer a Nação forte (BERCITO, 1991). Fortalecer o corpo individual era o mesmo que fortalecer a Nação. Essa atitude individual era uma crença de que assim algo maior sobreviveria longamente. Acima de um corpo saudável, estaria uma Nação saudável (BAUMAN, 2000). Seja pela ótica do tra-

² Jeca Tatu é um famoso personagem do livro “Urupês”, de Monteiro Lobato, um dos grandes nomes da literatura brasileira.

balho, seja pela do lazer, o trabalho corporal (no esporte, por exemplo) foi reconhecido como essencial ao desenvolvimento da Nação porque era capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social.

Em se tratando de energizar o caráter e fortalecer a raça, há indícios, em “A Tribuna”, de que é a experiência alemã (sua “cultura de jardim”) o modelo a ser adotado pelos capixabas. A matéria a seguir ilustra bem essa possibilidade:

O exercício físico e a ginástica vêm sendo, na Alemanha de Hitler, um dos problemas que mais têm contribuído para a defesa da raça. O povo alemão tem consciência de que a cultura física faz parte integrante da higiene e é, por si só tão indispensável ao organismo humano como os alimentos e o descanso. Sua posição privilegiada na Europa Central, como potencia líder, há vários anos, demonstra que a prática dos exercícios físicos e da ginástica, prática essa intensificada juntamente com a campanha de seleção e pureza da raça ariana, forneceu aos dirigentes do terceiro Reich os elementos vitais para uma resistência surpreendente [...]. Homens e mulheres, elementos de força e ação da unidade germânica destes dias terríveis que correm, aí estão para exemplo de outros povos, ensinando o rumo exato para a renovação das forças, que fazem das novas gerações a grandeza e a segurança de uma nação (TODOS OS ESPORTES, 2 set. 1941, s/p).

Essa adoração pela Alemanha não era uma exclusividade de “A Tribuna”. Ao analisar a revista “Educação Physica”, publicada entre os anos de 1932 e 1945, Schneider (2003) argumenta que, para os editores desse periódico de circulação nacional, a Alemanha, sob o regime nazista, constitui-se em um ótimo exemplo do que a implementação da Educação Física e dos esportes poderia fazer em prol da juventude.

Nesse contexto, os discursos eugenista e higienista foram fundamentais para legislar³ (BAUMAN, 2010) e, assim, legitimar as ações do Estado (jardineiro) brasileiro (Estado Novo) no novo projeto de ordem da Nação Brasileira. Suas políticas em torno da regeneração física, moral e intelectual do povo, atreladas ao discurso da melhoria da raça por meio do esporte, tinham, no Estado jardineiro alemão e nas suas políticas de higiene racional, o modelo a partir do qual se deveria proceder para alcançar o projeto de ordem almejado.

Essa admiração do Brasil pela Alemanha se justifica pela simpatia (velada) do chefe da Nação Brasileira às ideias de Adolf Hitler. De acordo com Carneiro

³ Se Bauman empregou a metáfora da jardinagem para caracterizar o trabalho do Estado jardineiro na busca da ordem, vai utilizar a metáfora da legislação para expressar o tipo de esforço desencadeado pelos intelectuais (como os médicos) no estabelecimento de uma nova ordem social.

(1995), Vargas organizou e estruturou o governo brasileiro tomando como modelo as ditaduras europeias de direita. Mas, diante das pressões externas, Vargas procurava sempre camuflar seu caráter centralizador, defendendo ideias democráticas. Contudo, enquanto pôde, manteve relações cordiais com a Alemanha nazista e procurava jogar equilibrado com os EUA e os países do Eixo.

Segundo Macedo (2008), o Brasil só tomou posição no conflito depois da pressão do movimento dos Aliados para que Vargas cedesse um “pedaço” do Rio Grande do Norte para a instalação de bases militares americanas. O Brasil se viu obrigado a romper definitivamente suas relações diplomáticas com os países do Eixo a partir de Janeiro de 1942, após um encontro de chanceleres no Rio de Janeiro (BASBAUM, 1976). De Fevereiro a Julho desse mesmo ano, muitos navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos inimigos. Essa situação fez Vargas declarar, em 22 de Agosto, estado de beligerância; e, a seguir, em 31 de Agosto, o estado de guerra contra a Alemanha e a Itália.

O Brasil em Guerra: repercussões no esporte de Vitória

A entrada oficial do Brasil na guerra é sentida no jornal. A partir de então, as notícias referentes à guerra se multiplicaram. Manchetes e páginas inteiras são dedicadas aos noticiários do conflito. Como consequência, a página esportiva cede espaço para o relato desses fatos. Um acontecimento é particularmente importante: a Alemanha nazista deixa de ser a referência para o jornal em termos de regeneração da raça e do projeto para a reinvenção da identidade nacional. Em uma matéria comentando o ataque dos navios alemães a uma frota brasileira, fica bem claro qual é a nova posição do Brasil em relação ao país que, outrora, era seu modelo de perfeição física, moral e intelectual (Figura 1):

De todas as partes do país, os clubes esportivos tomam a única atitude que o verdadeiro esporte – fonte de civismo, lealdade e formação do caráter – poderia exigir quando os sicários do ‘eixo’ investem furibundos contra vítimas indefesas dentro de nossas águas territoriais, no ataque mais bestial que já sofreu o Brasil em toda a sua existência. Nunca o povo brasileiro foi vítima de agressão mais insolita, mais miserável, mais hedionda. Uma agressão só digna mesmo de alemães e de nazistas! (TODOS OS ESPORTES, 26 ago. 1942, s/p)



Figura 1 - Matéria alusiva à aversão aos nazistas

Fonte: Todos os Esportes. A Tribuna, Vitória, 2 fev. 1945, s/p.

A entrada do Brasil no conflito gerou uma onda de medo e insegurança nos diferentes setores do país. A desconfiança dos governantes nacionais com a vinda dos novos cidadãos das terras agora inimigas, em sua maioria, imigrantes italianos e alemães e seus descendentes, levou a uma ação de controle do Estado em várias esferas. Segundo Carneiro (1995, p. 156), o Brasil

[...] fechou-lhes as portas adotando medidas restritivas em nome da 'construção de uma nação forte, de uma raça eugênica e de proteção aos sem trabalho'. Oficialmente enumerou os 'inimigos da Pátria' colocada em perigo com a presença de elementos tidos como indesejáveis, nocivos à constituição de uma identidade nacional.

Novas estratégias de jardinagem, portanto, foram desencadeadas pelo Estado jardineiro no Brasil. O que antes era amigo, agora virou inimigo. Essa oposição

distingue a verdade da falsidade, a beleza da feiura, o bem do mal, “[...] o que é de bom gosto e o que não fica bem. Ela torna o mundo legível e, com isso, instrutivo. Ela dispersa a dúvida. E capacita o inteligente a prosseguir. Ela garante que se vá onde se deve ir” (BAUMAN, 1999, 63).

A esfera esportiva não ficaria alheia a esse controle. Embora essa vigilância, conforme demonstra Mazo (2007), fosse anterior à entrada do Brasil no conflito, ela se intensifica com a presença do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Para Negreiros (1998), diante do panorama mundial, era fundamental para o governo “nacionalizar” os clubes, não permitindo que integrantes associados a nações inimigas pertencessem aos seus quadros. Somente nessas circunstâncias a Nação estaria livre das ameaças que poderiam destruir a harmonia pretendida.

Nesse sentido, a imprensa se encarregou de divulgar as devidas medidas para a proteção nacional. Assim, foi criado um “[...] movimento dos esportistas nacionais” (TODOS OS ESPORTES, 26 ago. 1942, s/p), formado, inicialmente, na Capital Federal e que se propagou em terras capixabas com a ajuda da imprensa. No dia 26 de Agosto de 1942, “A Tribuna” publicou na sua página esportiva uma matéria encaminhada pela Capital Federal, Rio de Janeiro, em que, em tom imperativo, solicitava-se que os esportistas de todo o Brasil “[...] se alistassem no grande exército civil que se encarregará da vigilância contra a quinta-coluna, tanto de estrangeiros como de maus brasileiros, para que estes miseráveis inimigos da Pátria sejam denunciados e punidos exemplarmente por iniciativa dos esportistas brasileiros [...]”. Na sequência da reportagem, está muito clara a necessidade de banir dos clubes capixabas todos aqueles que, de algum modo, estivessem ligados aos “inimigos”, representados pelos países do Eixo:

Não é possível que fiquemos nos platonicos protestos. Precisamos de ação e ação energica contra sobretudo esses maus brasileiros que em todas as partes, dentro mesmo de nossas instituições esportivas, se acham a serviço de Hitler, de Mussolini e de Heroito, expulsando-os o quanto antes de nosso seio, castigando-os exemplarmente, se necessario, entregando-os ás autoridades para as medidas que se fizerem mister [...]. Em todos os campos de foot-ball do Brasil, em todas as piscinas, pistas de atletismo, courts de ténis, em todas as canchas esportivas do país, antes das provas de domingo proximo fossem realizadas manifestações contra os italianos, alemães e japoneses, miseráveis inimigos do Brasil e contra os todos maus brasileiros que ainda se acham a serviço do integralismo, filial do grupo nazifascista. Que em nenhum campo de esporte do Brasil deixe de se fazer uma repulsa aos inimigos do Brasil. Que nenhum clube nacional deixe no seu seio os miseráveis súditos do eixo e que enxote igualmente todos os brasileiros que se mostrarem indig-

nos de ser brasileiros (TODOS OS ESPORTES, 26 ago. de 1942, s/p).

Assim sendo, os clubes esportivos foram obrigados a expulsar os seus dirigentes e associados estrangeiros que possuíam vínculos com países contrários aos países da aliança brasileira. Para ilustrar esse aspecto, encontramos a matéria do dia 2 de Setembro, em que o clube futebolístico Vitória F. C. toma a iniciativa de demitir do seu quadro todos os sócios do clube que eram de nacionalidades do eixo oposto em que o Brasil se aliava:

Realizou-se ante-ontem, na sede do alvi-anil, a sessão semanal do clube, onde dentre muitos assuntos estudados, ficou deliberado o seguinte: ‘Demitir todos os socios do clube que são de nacionalidade das nações nossas beligerantes’. Assim sendo, foi revisto o livro de associados e excluídos os socios enquadrados na deliberação acima tomada. Não se pode deixar de merecer nossos elogios a atitude simplesmente patriótica dos dirigentes do Vitória F. C., que deu demonstrações mais uma vez de seu franco apoio às medidas de precauções a serem tomadas contra os suditos dos países que são considerados nossos beligerantes (TODOS OS ESPORTES, 2 set.1942, s/p).

No caso do Clube de Regatas Álvares Cabral, conforme podemos observar nas reportagens do dia 3 de Setembro de 1942 e do dia 4 de Setembro de 1942, sua contribuição aconteceu de modo diferente: seus diretores aumentaram em dois mil réis a taxa de contribuição mensal dos associados, com o propósito de destinar esse aumento aos “esforços da guerra”:

O movimento, que é ‘sui generis’, consiste em a mensalidade de cada socio, que é de 10\$000, passar a ser 12\$000. O acrescimo de 2\$000 consistirá em auxilio de guerra para nosso País. A campanha durará até o termino do conflito atual, dando-se ás importancias arrecadadas o destino conveniente. A auspiciosa iniciativa reveste-se, dêsse modo, de um cunho de elevado patriotismo e possui um alcance indiscutivelmente benemerito para a tarefa ingente que foi imposta á Nação (A TRIBUNA, 3 set. de 1942, s/p).

O jornal “A Tribuna” também participou da construção do ideário nacional, lançando, em suas publicações, a “Campanha da Medalha”. No caso, as medalhas serviriam de auxílio para o governo confeccionar materiais para a guerra, como armas e canhões. Segundo a “letra” do texto, a campanha da medalha

[...] representa muito mais que os sacrifícios despendidos por um jogador, representa a base sólida de uma Vitória não em prol de um clube, mas sim, de um povo, um povo que nunca se acovardou diante da morte e que está disposto a manter sua atitude, mesmo que ponha em jogo sua própria vida. Nada mais significativo para um brasileiro do que um recorte do jornal onde figure o seu nome como contribuinte da Nação [...] (TODOS OS ESPORTES, 10 set. 1942, s/p).

Dias após o lançamento da “Campanha da Medalha”, o jornal “bombardeia” a página esportiva com manchetes em clamor ao movimento:

Esportista!... Que te vale u’ a medalha, se á Patria vais dar a propria vida? Contribua para a ‘Campanha da medalha’. Esportista!... Não é o valor monetario de tua medalha que necessita a Patria e sim a materia prima nela contida. Contribua na ‘Campanha da medalha’. Esportista!... Remeta-nos a tua medalha e guarde o jornal que publicou teu nome como contribuinte da Patria, para que no futuro sirvas de exemplo ao teu filho (TODOS OS ESPORTES, 12 set. 1942, s/p).

Aderiram a esse movimento dezenas de esportistas capixabas, que deixaram suas marcas no jornal “A Tribuna”. Esportistas consagrados no cenário de Vitória, como Wilson Freitas, fizeram do esforço individual o engrandecimento da Nação Brasileira. O imperativo da colaboração foi endereçado, também, aos clubes da capital. Identificamos reportagens em que os clubes (TODOS OS ESPORTES, 3 set. 1942, s/p; TODOS OS ESPORTES, 11 de setembro de 1942, s/p) anunciam suas doações em favor da “causa nacional”. Muito interessante é a reportagem que noticia as doações do Vitória Futebol Clube. Segundo a matéria, mesmo afundando numa crise financeira sem precedentes em sua história, esse clube repassou ao Estado

[...] 6 lustros de gloriosas conquistas em memoráveis competições esportivas em nossa terra [...]. Chegado o momento em que a Nação reclama o sacrifício, o desprendimento e a renúncia de seus filhos, a mobilização de nossos recursos em prol do fortalecimento belico nacional, eis que o Vitoria prontamente atende ao chamamento do Brasil e renuncia a tudo, não hesitando em despojar-se de sua única fortuna, passando-a, numa espontaneidade tocante, às mãos de nosso Governo, como contribuição para a Campanha que levará à vitória as côres do nossa Patria (TODOS OS ESPORTES, 11 set. 1942, s/p).

Essa exaltação nacionalista⁴ era intensificada com a chegada do “Dia da Pátria”. Isso explica por que o mês de Setembro de 1942 foi aquele em que encontramos a maior incidência de matérias esportivas com esse teor. O “Dia da Pátria” era celebrado no Brasil, desde o início do governo Vargas, em estádios de futebol. Em Vitória, não foi diferente. Com a instauração do Estado Novo, essas celebrações se intensificaram. Os esportes e as festas públicas funcionavam como a teatralização de uma imagem de Nação feliz e longeva. Reafirmavam, na ideia do coletivo e em sua coesão, as bases da propaganda nacionalista (DRUMOND, 2008). Além dos estádios, as ruas da cidade se tornavam o palco para as comemorações, e a imprensa era a responsável por convocar seus sócios para participar do desfile cívico, como atesta a matéria a seguir:

O Club Nautico Brasil, procurando colaborar de maneira decisiva, com todos os bons brasileiros, em todos os atos que visem o engrandecimento de nossa Pátria querida, convida os seus sócios, reservistas, para aderirem ao desfile diante do Altar da Patria, no dia 7 de Setembro próximo (TODOS OS ESPORTES, 2 set. 1942, s/p).

Os desfiles devem ser compreendidos, portanto, como práticas culturais simbólicas que impuseram crenças comuns à população ao traçarem imagens fundadoras da nacionalidade.

Por fim, podemos perceber, contudo, que tais laços coletivos também se deram a partir de uma faceta mais negativa vinculada a esse clamor por uma comunidade nacional. As práticas excludentes adotadas pelos clubes capixabas estão vinculadas a uma característica do discurso nacionalista apresentada por Bauman. No entendimento desse autor, esse discurso se afirma pela agressão e ódio aos inimigos da sua Nação, acreditando “[...] que todos os infortúnios de sua própria nação são resultado de conspirações estrangeiras [...]” (2001, p.199). Articulada a essa faceta, a unidade nacional também se ancora (como na “campanha da medalha”) em um pertencimento visto como destino e não como escolha. Assim, “[...] a única escolha disponível ao indivíduo é entre abraçar o veredicto do destino com as duas mãos e de boa fé, ou rebelar-se contra ele e assim tornar-se um traidor da sua vocação” (BAUMAN, 2001, p. 201).

⁴ Vale lembrar que, na argumentação baumaniana, nacionalismo e patriotismo apresentam retóricas distintas, mas que na prática política podem aparecer entrelaçadas. Inspirando-se em Claude Lévi-Strauss, o autor diz que a fórmula patriótica pode “[...] inspirar estratégias ‘antropofágicas’ (‘devorar’ os estrangeiros, de modo que sejam assimilados pelo corpo de quem devora e se tornem idênticos às outras células deste, perdendo sua própria distintividade), enquanto que [o nacionalismo] se associa mais à estratégia ‘antropoêmica’, de ‘vomitar’ e ‘cuspir’ aqueles que não são ‘aptos em nós’, seja isolando-os por encarceramento dentro dos muros visíveis dos guetos ou nos invisíveis (ainda que não menos tangíveis por essa razão) muros das proibições culturais [...]” (BAUMAN, 2001, p. 201). Nesse sentido, operamos com a ideia de nacionalismo para interpretar o esporte em Vitória durante a Segunda Guerra.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi, por meio do jornal “A Tribuna”, averiguar como se materializou o discurso que vinculava o esporte à construção da identidade nacional. Para tanto, demos ênfase às publicações do jornal durante a Segunda Guerra Mundial.

Concluimos que o esporte, no jornal investigado, foi uma ferramenta responsável por “recrutar” e unir a sociedade em prol de um objetivo maior: o engrandecimento da Nação, seja porque sua prática favorecia o fortalecimento da raça, seja porque ele contribuía para a forja de uma identidade nacional. Ao desenvolver este argumento, trouxemos à baila algumas contribuições do sociólogo Zygmunt Bauman, em especial suas metáforas da “ordem” e da “solidez”. Foi por meio delas que refletimos sobre os vínculos entre o esporte e o discurso nacionalista, com vistas ao estabelecimento de uma nova ordem no Brasil.

No novo “projeto de jardim”, os discursos eugenistas e higienistas foram importantes para a reinvenção nacional pretendida (a “reforma” dos corpos e mentes). Destacamos, também, como a entrada do Brasil na guerra gerou reações nacionalistas nos clubes capixabas, expressas tanto nas medidas contra os estrangeiros (sobretudo italianos e alemães) como nas campanhas em favor da obtenção de recursos para a guerra. Para as agremiações, de alguma forma era preciso contribuir para os novos “sólidos” que se pretendia instaurar no país.

As informações reunidas neste artigo trazem a público determinados aspectos da constituição do esporte em Vitória, um terreno ainda muito pouco explorado. A iniciativa se junta, assim, a outros recentes esforços (MELO, 2010) que estão no mesmo processo, quer dizer, divulgar elementos da história do esporte em cidades menores, fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mostrando, com isso, como a “febre esportiva” que assolou o Brasil nas décadas iniciais do século XX se desenvolveu nesses lugares, em suas semelhanças, peculiaridades, mas também, diferenças.

No caso da investigação que realizamos, predominou aquilo que já foi identificado em outras localidades do Brasil, de modo que foram menos visíveis, na fonte consultada, iniciativas que se colocassem na contramão do que era esperado da relação entre o esporte e os Poderes Públicos do período.

SPORTS AND NATIONALISM IN VITÓRIA: AN ANALYSIS BASED ON THE NEWSPAPER "A TRIBUNA" (1939-1945)

Abstract

This article discusses the relationship between Sports and Nationalism, investigating the importance attributed to sports practices under this bond. The analysis was based in texts

published between the years 1939 and 1945 in the daily newspaper "A tribuna", from Vitória, capital of the Brazilian state Espírito Santo. Besides constituting a school of physical culture, sports also consist in a school of youth civics, materializing the desires of government for the construction of the Brazilian Nation.
Keywords: Sports. Nacionalism. War.

DEPORTE Y NACIONALISMO EN VITÓRIA: UNA ANÁLISIS A PARTIR DEL PERIÓDICO "A TRIBUNA" (1939-1945)

Resumen

Este artículo discute la relación entre deporte y nacionalismo; investiga la importancia atribuida a las prácticas deportivas derivadas de este vínculo. El análisis se materializó entre los años de 1939 y 1945, a través del periódico "A Tribuna", publicación diaria de la ciudad de Vitória, Capital del Estado del Espírito Santo. Además de que el deporte se configura como una escuela de cultura física, se constituye, también, en una escuela de formación cívica de la juventud, materializando los deseos del gobierno para la construcción de la nación brasileña.

Palabras claves: Deporte. Nacionalismo. Guerra.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASBAUM, L. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Legisladores e intérpretes**: sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BERCITO, S. D. R. **Ser forte para fazer a nação forte**: a educação física no Brasil (1932–1945). 1991. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CARNEIRO, M. L. T. **O anti-semitismo na era Vargas**: fantasmas de uma geração: 1930-1945. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIZARD, W. J. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DRUMOND, M. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOELLNER, S. V. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX. **Record**: Revista de História do Esporte, v. 1, p. 5, 2008.

HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. **O esporte na imprensa e a imprensa no esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

LUCA, T. R. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.

MACEDO, R. L. O esporte no Estado Novo: vigilância, formação e controle em época de guerra. In: ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DEPORTE (ALESDE): ESPORTE NA AMÉRICA LATINA: ATUALIDADES E PERSPECTIVAS, 1. 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 2008.

MAZO, J. Z. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 43-63, set./set. 2007.

MELO, V. A. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLAND, B. B. B.; MELO, V. A. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa no esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 21-51.

NEGREIROS, P. L. **A nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 346 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SCHNEIDER, O. **A Revista Educação Physica (1932-1945)**: estratégias editoriais e prescrições educacionais. 2003. 345 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

Jornais

TODOS OS ESPORTES. **A Tribuna**, Vitória, 2 set. 1941, s/p.

COMENTÁRIO ESPORTIVO. **A Tribuna**, Vitória, 23 out. 1941, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 29 abr. 1941, s/p.

A TRIBUNA. Vitória, 3 jun. 1942, s/p.

O ESPORTE E O GOVERNO. **A Tribuna**, 2 ago. 1941, s/p.

TODOS OS ESPORTES. **A Tribuna**, Vitória, 26 ago. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 2 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 3 set. 1942, s/p.

A TRIBUNA. Vitória, 6 set. 1942, s/p.

TODOS OS ESPORTES, **A Tribuna**, Vitória, 10 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 11 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 12 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 13 jan. 1943, s/p.

TODOS OS ESPORTES, **A Tribuna**, Vitória, 2 fev. 1945, s/p.

.....

Recebido em: 26/10/2012
Revisado em: 08/01/2013
Aprovado em: 04/03/2013

Endereço para correspondência:
thacia_151@hotmail.com
Thacia Ramos Varnier
Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, 514,
Goiabeiras - Vitória - ES
CEP 29075-910